

## **Estudos da Língua(gem)**

*Práticas contemporâneas de intervenção com a linguagem*

### **Atuação com grupos terapêuticos no cuidado direcionado às dificuldades escolares**

---

Dealing with therapeutic groups in care  
directed to school difficulties  
Actuación con grupos terapêuticos en el cuidado  
direccionado a las dificultades escolares

#### **Elaine Cristina de Oliveira**

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

#### **Bárbara Aparecido Botelho**

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

#### **Danielle Pinheiro Carvalho Oliveira**

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

#### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é discutir sobre o trabalho com a linguagem em fonoaudiologia a partir de grupo terapêutico com crianças com dificuldades escolares. Discute-se o trabalho terapêutico realizado com as crianças e as orientações realizadas suas famílias e destaca-se que são dispositivos importantes para o trabalho com a escrita e a leitura, possibilitando diferentes ações com a língua/linguagem, de modo que um não substitui o outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Escrita, Dificuldade de Aprendizagem.

#### *ABSTRACT*

*This paper aims at discussing the work with language in speech therapy from a therapeutic group with children who have school difficulties. This papers discusses the conducted therapeutic work with the children as well as the*

---

\* Sobre as autoras ver página 65

*counselling available to their families. Finally, we could note that they were important devices for the work with the writing and the reading skills, which allow us to take different actions regarding language, so that one does not replace another.*

*KEYWORDS: Reading; Writing; Learning Difficulty.*

#### **RESUMEN**

*El objetivo de este artículo es discutir sobre el trabajo con el lenguaje en fonoaudiología, a partir de un grupo terapéutico con niños con dificultades escolares. Se discute el trabajo terapéutico realizado con los niños y las orientaciones realizadas a sus familias y se destaca que son dispositivos importantes para el trabajo con la escritura y la lectura, posibilitando diferentes acciones con la lengua / lenguaje, de modo que uno no sustituye al otro.*

*PALABRAS CLAVE: Lectura; Escritura, Dificultad de Aprendizaje.*

## **1 Grupo terapêutico e o trabalho com a linguagem em Fonoaudiologia**

Apenas mais recentemente, a fonoaudiologia tem incorporado o grupo terapêutico como um dispositivo ou método para atuar com crianças e familiares que apresentam queixas relacionadas à linguagem. Historicamente, os fonoaudiólogos, por basearem suas práticas numa perspectiva médico-curativista, têm priorizado a terapia individual (RIBEIRO et al., 2012).

Em um estudo de revisão sistemática sobre o grupo terapêutico em Fonoaudiologia, Ribeiro et al (2012) observam que o número de artigos publicados em revistas científicas sobre o tema ainda é muito reduzido, ressaltam que a maior parte dos trabalhos foram realizados com adultos e que a terapêutica grupal é voltada principalmente para o sujeito e intercalada com sessões de aconselhamento familiar no decorrer do processo.

O grupo terapêutico vem se constituindo num espaço extremamente importante para a prática fonoaudiológica. A peculiaridade desse espaço é permitir ao fonoaudiólogo questionamentos sobre a forma de conceber as possibilidades de relações e interações, a concepção de sujeito e de linguagem, a partir de uma realidade distinta do atendimento clínico individual. A concepção de grupo terapêutico deve ultrapassar a ideia de uma simples reunião de pessoas e tornar-se um espaço singular, um organismo vivo, construído pela voz de cada sujeito ali pertencente que, ao expor suas tensões e angústias, se permitem construir reflexões e (re)significados da vida, do outro, do agora (PANHOCA, 2007).

De acordo com Corrêa (1997), os primeiros atendimentos fonoaudiológicos em grupo, na região de São Paulo, ocorreram em meados de 1980. Esses atendimentos eram justificados pela grande quantidade de pessoas necessitando de terapia, portanto, tinham como objetivo a diminuição das listas de espera e a agilidade no atendimento nos serviços públicos de saúde. O

profissional, então, selecionava seus participantes pela patologia base e conduzia a terapia da mesma forma que no atendimento individual.

Ao longo dos anos, com a crescente investigação científica sobre a efetividade dessa estratégia, o sentido terapêutico de grupo foi sendo redefinido e novas informações teórico-metodológicas foram estabelecidas. O grupo passou a ser visto além de uma continuidade do trabalho individual, ou uma forma de dar resolutividade à lista de espera, e assumiu um caráter preventivo e educativo, com foco prioritário na promoção da saúde e da linguagem (MACHADO; BERBERIAN; MASSI, 2007).

Na Fonoaudiologia, no trabalho com a linguagem, o grupo tem sido de grande importância, tornando-se domínio da área para a intervenção e investigação nessa estratégia terapêutica, pois, ao lidar com a linguagem, o profissional “manuseia” complexidades, diferenças e singularidades sobre o falar e o escrever muito além das patologias, insere-se no contexto linguístico do outro e, imerso naquela realidade, busca (re)significar sua fala e/ou escrita. Partindo da perspectiva interacionista, a linguagem é vista como constitutivo do sujeito, sendo este um ser social, histórico e cultural, que gera transformações sociais a partir das suas vivências linguísticas. Não há sujeito absente da linguagem (MACHADO; BERBERIAN; MASSI, 2007).

Em um grupo cujo trabalho tem como foco a linguagem, a troca dialógica torna-se o centro. Trabalha-se a linguagem com a própria linguagem, em suas diferentes modalidades e traça-se então (novos) significados.

## **2 Grupo terapêutico: atuação com crianças com dificuldades escolares**

Em 2011, iniciamos o trabalho de grupo terapêutico com crianças que, até então, eram atendidas apenas individualmente no estágio da área de linguagem, do curso de Fonoaudiologia, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. A proposta de atuação em grupo foi inspirada na experiência do Centro de Convivência em Linguagens (CCAzinho), coordenado pela Profa. Dra. Elaine Cristina de Oliveira, da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Uma das pesquisadoras deste estudo, na época em que foram propostas as primeiras atividades do CCAzinho, no ano de 2004, era doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos de Linguagem-IEL e, junto com a coordenadora do grupo e outra colega do programa, Carla Queiroz, iniciaram as atividades em grupo, tanto com as crianças quanto com as famílias, bem como os estudos sobre o tema.

Desde a sua formação, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, o CCAzinho contava com a colaboração de alunos de graduação (em Linguística, Letras e Fonoaudiologia) e de pós-graduação. Esses alunos participavam ativamente de todas as atividades que compunham o CCAzinho: reuniões de planejamento e discussão dos casos; execução de atividades com grupo de jovens e crianças; reuniões com familiares e acompanhamento longitudinal, em sessões individuais, de crianças e jovens (COUDRY, 2006).

De acordo com Coudry (2006), o CCAzinho caracteriza-se como um lugar de ensino, de pesquisa e de extensão de serviços à comunidade. Nesse

espaço, privilegiam-se diversas práticas de uso da linguagem, especialmente aquelas que envolvem o uso da leitura e da escrita. Destaca-se que todas as crianças e jovens que participam do CCazinho apresentam uma história de fracasso no processo de escolarização, ratificada pela família e pela instituição escolar. Por considerar a importância dessa questão, é que o CCazinho foi instituído com o objetivo, mais geral, de possibilitar aos jovens e crianças o conhecimento e a confiança necessária para enfrentarem o processo de escolarização, bem como de fornecer-lhes instrumentos para lidar com as dificuldades e trabalhar na direção de sua inclusão social, por meio da escrita/leitura e do acesso a ambientes digitais (COUDRY, 2006).

Foi num contexto semelhante ao do CCazinho-UNICAMP que iniciamos a proposta de trabalho em grupos terapêuticos tanto com as crianças quanto com as famílias que procuravam o serviço do Centro Docente Assistencial em Fonoaudiologia (CEDAF), localizado no Instituto de Ciências da Saúde, da Universidade Federal da Bahia, com queixas de dificuldades no processo de escolarização.

Como a maior parte dessas famílias eram oriundas de um contexto de extrema pobreza, apresentando dificuldades básicas como, por exemplo, deslocamento até o serviço, optamos por realizar o atendimento individual e em grupo no mesmo dia, em um único turno.

A maior parte das crianças atendidas no serviço são de escolas públicas, da periferia de Salvador e da região metropolitana. Chegam ao serviço, por vezes, já imersas num processo de patologização com diagnósticos de dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), distúrbios de aprendizagem, entre outros. Mesmo quando chegam sem qualquer diagnóstico, o olhar patologizante da escola e dos serviços de saúde pelos quais passaram já deixaram profundas marcas reveladas em suas falas por frases como: “Eu odeio ler e escrever”, “Eu não consigo porque minha cabeça não é boa”, “Não vou tentar, eu não dou pra isso de ler”.

A família também chega ao CEDAF bastante desanimada. Na entrevista inicial, referem que já procuraram outros profissionais, outros serviços de saúde. Às vezes, os pais dizem que de nada adiantou, porque não sabem o que o filho tem, só sabem que ele não aprende. Os resultados dos tratamentos também são questionados pelos pais. Alguns já passaram por anos de tratamento fonoaudiológico e psicopedagógico que, na opinião deles, não resolveram nada, porque ou as notas continuam baixas, ou os filhos continuam sendo reprovados ou a escola continua se queixando do seu rendimento.

Quanto à relação da família com a escola, geralmente, não é nada fácil. Os pais sempre trazem a queixa da professora ou da coordenadora pedagógica. Trazem relatos de tentativas frustradas de negociarem com a escola outras possibilidades de ensino/aprendizagem. Geralmente já se envolveram em brigas e discussões com professores, e a criança já mudou de escola várias vezes.

Após a entrevista inicial, realizada individualmente, iniciamos o processo de avaliação, no primeiro momento, também individual. Em geral, temos um número de 10 a 12 crianças que são acompanhadas individualmente e em grupo, em um ou dois grupos a depender do perfil das crianças

acompanhadas no semestre. A idade das crianças, isoladamente, não é um critério para a configuração do grupo, mas, ao longo de nossa experiência, percebemos, por exemplo, que adolescentes acima de 15 ou 16 anos têm interesses, comportamentos e questões subjetivas bem diferentes de uma criança de 08 ou 09 anos, fato que dificultava bastante as relações dentro do grupo.

A proposta geral do atendimento em grupo é possibilitar aos sujeitos experiências de linguagem, especialmente de escrita e leitura, que possam transformar o seu imaginário a respeito do que seja ler e escrever e do lugar que podem ocupar no universo da leitura e da escrita.

No grupo terapêutico, lemos e recontamos histórias, desenhamos, jogamos, inventamos regras, assistimos a vídeos, dançamos. Criamos um espaço no qual todos podem compartilhar suas dificuldades, errar, corrigir, errar de novo, acertar, mostrar para o outro o que escreveu e pedir ajuda, ajudar, pedir opinião, opinar. Parece tão simples. Mas não o é. No início, os sujeitos não querem pegar no lápis, e o que mais ouvimos é: “Eu não sei escrever”, “Eu não posso ler”. Rostos tristes, corpos recolhidos, cabeça baixa e, às vezes, uma pergunta: “Qual é a minha nota?”. Um olhar de interrogação, de incompreensão com a resposta: “Aqui não você não tem nota”. Atuamos com diversos gêneros discursivos: lista, receita, histórias, conto, relato, história em quadrinhos. Recentemente realizamos uma atividade relacionada ao “Julho das Pretas”<sup>1</sup>. Contamos a história infantil intitulada “O cabelo de Lelé”, de Valéria Belém, que discutimos com perguntas sobre o que pensavam sobre o racismo, o que cada um achava do seu cabelo e da sua cor. No final do processo, cada sujeito fez um desenho; e os que desejaram, escreveram uma mensagem.

**Figura 1:** O cabelo de Lelé



Fonte: Banco de dados dos autores

<sup>1</sup> O “Julho das Pretas” é uma agenda de intervenção comum, criada pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, em 2013. Julho é o mês da celebração da luta e da resistência da mulher negra. Durante todo o mês, núcleos e projetos coletivos articulam, entre si, campanhas de cultura, identidade e empoderamento dessas mulheres. Na Bahia, essas ações são de extrema relevância por ser um estado que possui o maior número de negros em sua população. São ações que debatem a representação da mulher negra, através de seminários, exibições de documentários, shows, feiras, *workshops* e rodas de conversas.

**Figura 2:** Mensagem sobre o cabelo de Lelê

	Tradução: “Eu acho que o racismo é errado porque as pessoas têm que aceitar as pessoas como elas são” (RA, 4º ano).
--	---

Fonte: Banco de dados dos autores

Quanto ao trabalho com os aspectos discursivos (por exemplo, coesão, coerência, pontuação) e a ortografia, a partir de suas produções, solicitamos a reescrita de palavras ou a reelaboração do texto, prioritariamente de modo compartilhado. O objetivo principal é que o grupo possa refletir sobre esses aspectos do texto, compartilhar dúvidas, criar e recriar hipóteses sobre o texto e a ortografia e, com o apoio da terapeuta, alcançar o modo convencional de ler e escrever.

Ao longo do processo terapêutico, realizamos contato e, quando possível, visitas às escolas nas quais as crianças estão matriculadas. Nesse contato, os professores apresentam queixas, como: as notas estão muito baixas; provavelmente vai haver uma reprovação; a culpa é da família que é desestruturada e não acompanha as atividades da criança; ou, pior, a criança não aprende, porque é disléxica, e dislexia, na visão da escola, não tem cura. O contato constante com a escola é imprescindível para que possamos ouvir os professores, acolher suas queixas e demandas, apresentar o trabalho que vem sendo realizado, apontando as potencialidades das crianças e ressignificar o olhar, por vezes, medicalizante<sup>2</sup>.

### 3 O trabalho de grupo terapêutico com famílias

Por acreditarmos na importância do papel da família no processo de aprendizagem da criança e porque sabemos o quanto o núcleo familiar é culpabilizado pelo fracasso escolar, paralelo ao grupo terapêutico com crianças, ocorre o grupo terapêutico com seus familiares no CEDAF. O objetivo do trabalho é construir um espaço que vá além do atendimento clínico biomédico, que acolha esses familiares esclarecendo os objetivos do processo terapêutico de suas crianças e viabilizando uma escuta atenta, a fim de entender as suas vivências e seus tensionamentos, afinal, “a dor dos pais... quem escuta?”.

O grupo é denominado “Grupo da Família”, e os encontros ocorrem semanalmente, com duração de quarenta 40 minutos, tendo uma ou duas fonoaudiólogas como mediadoras, a depender do semestre. Pode participar do

<sup>2</sup> O processo de medicalização refere-se à transformação das questões não médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas que são de outra natureza (COLLARES; MOYSES, 1994).

grupo qualquer pessoa com vínculo e/ou responsabilidade pela criança em atendimento, podendo estar presente uma ou mais pessoas que exercem essa função. Encontram-se presentes no grupo pais, mães, avós, tio(a)s ou primo(a)s que acompanham de perto o processo de aprendizado da criança ou apenas assumem aquela responsabilidade no dia do atendimento.

O grupo vem se configurando como um importante espaço coletivo de acolhimento aos familiares. Nesse espaço, é possível conhecer um pouco mais sobre a atuação do fonoaudiólogo, especialmente na área de linguagem, esclarecer dúvidas sobre o seu funcionamento, a rotina do serviço, construir uma relação de parceria, amizade, estabelecer vínculos dos familiares entre si e entre eles e os terapeutas. A partir de uma proposta de escuta, são enunciadas queixas, dúvidas, angústias e medos, principalmente quanto ao processo terapêutico de suas crianças e sobre outras questões que fazem parte da vida de qualquer pessoa, sejam estas vinculadas (ou não) ao processo de (não) aprendizado.

O grupo não se constituiu com o objetivo de orientar, capacitar pais. Trata-se de um trabalho coletivo, em que família e terapeuta estão implicados. Busca-se criar uma relação dialógica, aberta, curiosa, indagadora, de respeito às opiniões, à fala, ao gesto, à diferença, de modo que o princípio norteador do grupo seja a disponibilidade para escutar.

Os encontros são semanais, com duração de quarenta minutos em média. Como já dissemos, participam dos encontros uma ou duas fonoaudiólogas (conforme o semestre) e os pais e/ou responsáveis que tenham interesse em participar. Essa configuração ocorre desde 2015, com a criação do projeto de extensão “Atenção e cuidado à queixa escolar”, coordenado pela docente Elaine Cristina de Oliveira. As fonoaudiólogas que participam deste projeto acompanham as famílias pelo período de, ao menos, um ano. No início, o trabalho era realizado exclusivamente pelos alunos sob supervisão, mas sem bons resultados. O grupo se dissipava e tinha pouca adesão, os alunos não se sentiam seguros para acolher as demandas e devido à rotatividade semestral dos estagiários, o vínculo era fragilizado.

Com o projeto de extensão, conseguimos estruturar melhor o trabalho. Nos primeiros dois meses, voltamos-nos principalmente para a construção e reflexão de temas propostos pelos familiares. Nos meses seguintes, os temas abordados foram aprofundados e novos temas observados durante a roda de conversas como demandas pelas terapeutas foram inseridos para discussão no grupo. Nos quatro últimos meses do encontro, o trabalho foi voltado para discussões mais aprofundadas sobre os temas mais marcantes para o grupo e para a construção pelos familiares de materiais (jogos, brinquedos, entre outros) que pudessem ser utilizados em casa.

Os principais temas discutidos nos encontros foram: família, relações entre pais e filhos, diferenças sociais, escola, tecnologia e aprendizado, dificuldade de aprendizado, linguagem, a noção do “erro” na fala e na escrita, as experiências com a leitura e a escrita, reprovação e aprovação escolar, entre outros. Cada encontro provocava nos participantes falas inquietantes que se entrelaçavam e se reconheciam pela similaridade de vivências e distinção de

saberes, somando medos e dúvidas a receitas de bolo e dicas de lazer, que surgiam entre um cafezinho e outro.

O fato de o grupo se configurar em um espaço de segurança, de vínculos, um lugar de pertencimento, permite que muitas dores e angústias sejam expressas. Nos últimos dois anos, um dos temas mais recorrentes foi o sofrimento dos pais devido às dificuldades enfrentadas e/ou vivenciadas por seus filhos no processo de escolarização e/ou aquisição da fala. O tema vai e vem com grande força. Nunca se esgota. Falas como a de Gilda<sup>3</sup> configuram as dores e medos dessa realidade opressora do processo educacional vivenciados toda semana no grupo:

(1) Essa semana eu fui à escola e até chorei com a coordenadora, eu falei com ela que ela passasse a entender mais João, tivesse um pouco mais de paciência com ele porque ... eu chorei junto com ele, porque eu já fui chegando e ele já foi chorando... “ah! Minha mãe porque a professora falou e eu não entendi, não escutei. Aí ela falou e colocou no meu diário que não presta atenção na aula, fica distraído, ficou distraído e não escreveu.” Quando eu falo do diário, ele já fica nervoso, confuso e vai chorando. Então o professor não entende (Gilda).

Os familiares relatam o que esperam do serviço, tiram dúvidas sobre o seu perfil, sobre as dificuldades de leitura, da escrita e de fala dos filhos, sobre como ajudá-los em seu processo de leitura, escrita e fala, se mantêm o filho na mesma série, diante da dificuldade apresentada. Conversamos sobre a diferença entre tarefa de cópia e escrita autoral; uma mãe pergunta se a troca na fala do filho é em decorrência de algum problema na gravidez; outra afirma que a fala da filha é decorrente da convivência com a prima que falava “embolado”; perguntam onde encontrar atendimentos para outras demandas fonoaudiológicas e propostas alternativas (teatro, música). Os familiares relatam a expectativa de que seus filhos melhorem e a necessidade de o serviço se articular mais com a escola:

(2) Prefiro que converse mais com a escola e explique a situação do meu filho. Como o professor não sabe da situação do meu filho, acha que ele não se interessa. Meu filho acaba se calando, se prendendo, vai ficando pra trás dos colegas. A professora não olha o caderno dele. Ele copia do quadro... e vai ficando tudo errado (Helena).

Aos poucos, vão sendo construídas novas ideias, olhares, dúvidas e questionamentos que se somam a cada nova semana, reverberando no processo terapêutico das crianças, no seu comportamento na escola e no meio familiar,

---

<sup>3</sup> Os nomes das mães presentes neste estudo são fictícios, respeitando-se, assim, o anonimato delas.

provocando mudanças avaliadas como positivas pelos familiares e pelas terapeutas responsáveis por seu acompanhamento individual e em grupo. Entre as principais mudanças observadas, percebe-se um entendimento diferente sobre os processos que seus filhos atravessam, além de uma mudança de postura dos familiares em relação à escola, como se observa nas falas de Alessandra, Lúcia e Márcia:

(3) [...] Ajudou muito a gente a saber como conversar na escola, a falar, saber chegar lá, explicar, perguntar e cobrar mais do professor. Eu mesma gostei muito dessa parte (Alessandra).

(4) Não tenho o que reclamar. Como já falei, aqui me dá mais suporte do que a própria escola. Então eu faço questão de não faltar isso aqui (Lúcia).

(5) Quando a gente tem alguma dúvida do colégio, você tira para a gente saber como conversar lá na escola. (Márcia).

Com um novo olhar sobre a participação da família no processo de aprendizagem da criança, os familiares perceberam que algo mais ainda precisava ser feito, que eles poderiam auxiliar de alguma forma esse processo. Diante disso, foi proposto ao grupo que construíssem atividades lúdicas que pudessem ser divertidas e efetivas para o aprendizado e complementar ao processo terapêutico. Juntos, então, construíram brincadeiras, jogos de tabuleiro, cruzadinhas e caça-palavras que traziam novos significados para a linguagem escrita. Alguns familiares mostraram-se “resistentes” a expor suas ideias e mesmo as suas dificuldades com a escrita, mas, encorajados pelos demais componentes, entusiasmaram-se e levaram a proposta para além do grupo: passaram a produzir o material em casa e levá-lo para o encontro semanal para dar os “retoques finais”. Ao todo, foram três semanas de confecção de material, desde a construção das primeiras ideias até a sua montagem final, para que eles o levassem para casa e pudessem usá-lo com seus filhos. Além de consistir em um resgate da sua infância, a atividade provocou a reflexão sobre a importância de se desenvolverem atividades em família e sobre a necessidade de disponibilizarem um tempo, mesmo que mínimo, para dialogarem e, principalmente, brincarem todos juntos.

Nos últimos encontros, antes do recesso letivo, os familiares puderam dar o retorno de como foi a experiência com as atividades, e a fala de Rosa, por exemplo, demonstra grande satisfação, pois esta expõe que foi divertido e que seu filho havia gostado, o que era o mais importante.

Eu cheguei lá e disse: ó o que a mamãe fez pra você! Ele ficou muito feliz e não parava de jogar. Levou pros amiguinho dele tudo na rua jogar. E eu fiquei feliz de ter feito isso com ele né? A gente trabalha tanto [...] (Rosa).

O “Grupo da Família” é uma oportunidade singular para promover reflexões sobre diversos temas importantes para o processo terapêutico das crianças. Os familiares podem expor suas dores, medos, dúvidas e alegrias em um espaço de escuta e acolhimento para que, então, juntos, possam questionar e reconstruir novos olhares e ações sobre o processo de aprendizado de seus filhos, relações familiares e o trabalho fonoaudiológico. Além de empoderar esses familiares para uma postura mais ativa frente à realidade educacional de seus filhos, seja em casa, seja na escola, seja na própria comunidade, o grupo foi um espaço de vínculos de confiança, parceria e de cuidado entre familiares e terapeutas.

Nesse sentido, a experiência do atendimento ao grupo cumpre o seu papel ao acolher e somar indivíduos e suas histórias em um só espaço e concretiza sua função ao receber em troca novas vivências, novas histórias construídas inicialmente ali, em conjunto. No processo terapêutico com crianças com dificuldades de aprendizado, a família é a peça principal. Ouvir o lado de quem, por vezes, se sente culpado pelo fracasso escolar de seus filhos é dar a chance de fazer diferente, de repensar caminhos e estereótipos socialmente aceitos que só se multiplicam e prejudicam esse processo. Por ser o grupo o mediador dessa chance de mudança, só fortalece os resultados positivos para a família e para a criança, como o faz o Grupo da Família do CEDAF/UFBA, que estreita laços e aperta seus nós para que todos juntos somem e construam caminhos diferentes daqueles determinados pelos processos medicalizantes nos quais estamos inseridos.

#### **4 Considerações finais**

Por fim, consideramos importante destacar que tanto o trabalho terapêutico individual quanto em grupo constituem-se dispositivos importantes para o trabalho com a linguagem escrita e a leitura, possibilitando diferentes ações com a língua/linguagem, de modo que um não substitui o outro. Do nosso ponto de vista, o grupo terapêutico é um método de atuação terapêutica importante na medida em que nos permite lidar com interações e relações intra e intersubjetivas que a relação terapeuta-paciente individualizada não permite. Atualmente, notamos que um grande desafio para o(s) terapeuta(s) que atua(m) com o grupo é estabelecer um maior diálogo com a escola. Diálogo extremamente necessário para a mudança que pretendemos operar para além dos muros do serviço.

#### **REFERÊNCIAS**

- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico (A patologização da educação). *Série Ideias*, v. 23, p. 25-31, 1994.
- CORREA, M. B. Considerações sobre a terapia de grupo na clínica fonoaudiológica. In: LIER-DE-VITTO, M. F. (Org.). *Fonoaudiologia no sentido da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 39-48.

COUDRY, M. I. H. Projeto integrado em neurolinguística: avaliação e banco de dados. **Relatório CNPq/ 521773/95-4**, 2006.

FREIRE, R. M. Fonoaudiologia e Linguística: Modos de Interpretação da Linguagem. **Psycholinguistics on the threshold of the year**, 2000. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8499.pdf> >. Acesso em: 25 jul. 2017.

MACHADO, M. L. C. A. BERBERIAN, A. P. MASSI, G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: SANTANA, A. P. et al. (Org.). **Abordagens Grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007. p. 58-79.

PANHOCA, I. Prefácio. In: SANTANA, A. P. et al. (Org.). **Abordagens Grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

RIBEIRO, V. V. et al. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, v. 14, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2011nahead/53-11.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

*Recebido em janeiro de 2019.*

*Aprovado em fevereiro de 2019.*

*Publicado em março de 2019.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Elaine Cristina de Oliveira** é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É professora adjunta III da Universidade Federal da Bahia, vinculada ao Departamento de Fonoaudiologia, é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, linguagem escrita, fonoaudiologia educacional e medicalização.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8393-4025>

E-mail: [elaineoliveira1009@gmail.com](mailto:elaineoliveira1009@gmail.com)

**Bárbara Aparecido Botelho** é mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos sobre aquisição da escrita. Tem experiência nas áreas de aquisição e desenvolvimento da linguagem, linguagem escrita, afasia, TEA, fonoaudiologia educacional e motricidade orofacial. Faced-UFBA.

E-mail: [barbarabotelho.fono@hotmail.com](mailto:barbarabotelho.fono@hotmail.com)

**Danielle Pinheiro Carvalho Oliveira** é mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia, licenciada em Letras. É professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia. Atua como fonoaudióloga no Instituto Bahiano de Reabilitação – IBR, com ênfase nas alterações de Linguagem, Disfagia, Motricidade Orofacial e Voz. Trabalha como tutora na Residência Desenvolvimento Infantil na Comunidade (REDICA) pelo Instituto de Saúde Coletiva na Universidade Federal da Bahia. Realiza estudos na área de Linguagem e Fonoaudiologia Educacional.  
E-mail: danepcarvalho@gmail.com